

Vencer é mergulhar na circunstância oportuna, no momento oportuno. Os precipitados mergulham quando a onda ainda vem longe; os hesitantes mergulham depois que ela passou.

ANO V — N.º 117
MAIO
12
1957

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 50-1.º Esq.
Telephone 154
FARO

DIRETOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telephone 216
LOULÉ

O nosso Algarve



O Algarve... As ondas de cós e de perfume que se soltam da sua terra vermelha, das suas ribas dobradas, dos seus poemas vícosos, do seu oceano de maravilha, são como estrofes dum imenso cântico de louvor à vida e à alegria de viver.

A propósito de arte...

Resposta ao senhor Valdemar Andrade

de COIMBRA

Meu Prezado Amigo:
Desculpe o atraso, mas nunca é tarde para se dar resposta.

No entanto, não deduza da minha demora que levei o tempo a estudar a «sua arte»—que nunca consegui entender.

A «sua arte», como diria o arqueólogo Emanuel Ribeiro: «Uma das coisas que tem contribuído para o espírito leve e leviano de certas classes sociais tem-lhes sido inculcada pela variabilidade da moda. «E mais adiante: «Se fixardes a fachada dumha casa e os vossos olhos não encontrarem um lugar de repouso no meio babilónico dos ornamentos, essa fachada é má», porque «A moda

Postais de Lisboa

O 2.º aniversário
de «FESTA»
do poeta e escritor
Gentil Marques

Porque se trata de um nome bem conhecido na Poesia, no Jornalismo e na Literatura nacional: Gentil Marques, nosso camarada e Director de «Festa», o único jornal português ao serviço da festa de touros, não queremos deixar de registrar nas colunas do nosso jornal — em «Bilhetes Postais», o acontecimento, brilhante e eufórico, da comemoração do 2.º aniversário do seu belo Semanário, que teve, por pano de fundo, Moita do Ribatejo, a linda e castiça vila taurina.

O que foi a festa de «Festa», já a Rádio atirou ao ar as suas programadas transmissões.

Aquele domingo, 28 de Abril, em Moita do Ribatejo, terra que Gentil Marques preferiu para festejar as datas aniversariantes do seu «Festa», foi dia de verdadeira euforia, de transbordante alegria para os que partiram de Lisboa — caravana em que tomámos parte, e para o povo daquela região desde o mais humilde ao mais abastado e representativo habitante da antiga Póvoa Galega.

Ruas engalanadas, foguetes e morteiros, flores, muitas flores, serpentinas e confetti as filarmónicas locais, sorrisos de lindas mulheres, as entidades camarárias

(Continuação na 3.ª página)

MANEIRA DE VER

Fomos para ver a Mãe Soberana e vimo-la mas vimos também um povo soberano.

Já tínhamos ouvido falar da escalada da ermida de Nossa Senhora da Piedade, mas qual nada.

Não há palavras, não há tintas, coisa nenhuma, que possa dar uma longínqua idéia do que se passa naquela imensa e dolorosa subida.

Pedro de Freitas tinha razão quando, em número anterior deste jornal, sugeriu a humaníssima idéia de criar

Convite aos paroquianos da freguesia de S. Clemente

A Ação Católica convida todos os Paroquianos da S. Clemente a apresentarem cumprimentos ao sr. Prior da freguesia no dia 19, após a missa das 9.30, por ser o dia escolhido e dedicado ao Bom Pastor.

Por Sebastião Leiria

turnos para os Homens do Andor. O que se lhes pede e o que eles dão, é demais para pobres seres humanos.

Quando presenciamos a alucinante escalada, frente ao sacrifício gigante e penoso, sentimos vontade de chorar. De chorar de dolorosa pena por essa duríssima provação a que se permite sejam submetidos homens, nossos irmãos.

Bocas crispadas de vontade, músculos contraídos num esforço de titã, rostos banhados de suor, congesionados, transfigurados no desejo de vencer luta tão desigual, eis que os Homens do Andor irrompem, a marcha-marcha, encosta acima apoiados numa falange humana, igualmente electrizada, que os aclama, vitoria a Mãe Soberana, dando-lhes o apoio da sua presença, da sua vontade, espantando o desânimo, incitando o moral

(Continuação na 3.ª página)

Associação de Assistência

À MENDICIDADE

Não vamos, evidentemente, reviver aqui a escola do elogio mutuo, suscitante da célebre questão coimbrã, iniciada com o opúsculo «Bom senso e bom gosto» de Antero em resposta à carta de Castilho. Não podemos, porém, faltar ao cumprimento de um dever de correção e delicadeza e, por isso, aqui consignamos os nossos agradecimentos ao ilustre articolista Sr. Luís Sebastião Peres que, no penúltimo número deste semanário, tão amável e eloquiosamente se refere à obra que os louletanos por intermédio desta Associação, vêm realizando em favor dos pobres desamparados e da extinção da mendicidade, modo de vida a que se entregam muitos que não necessitam.

Um ponto abordou também Sua Ex.º, que já temos igualmente aqui debatido. E' o do turismo, que se procura desenvolver no nosso país e nunca será viável enquanto pelas várias localidades se estadejar a mendicidade em bandos ou isoladamente, importunando quem chega com pedinhas arrelentas e lamúrias nem sempre verdadeiras.

Quando todas as localidades fizerem, pelo País fora, o que algumas já fazem, e Loulé tão louvavelmente está também tentando, certamente que

o turismo poderá ser encarado com toda a confiança e seguras probabilidades de êxito.

(Continuação na 3.ª página)

Hino de Sagres

Conquistou o prémio instituído para a respectiva música a compositora

D. Elvira de Freitas

Foi constituído pelos distin-
tos maestros e professores do Conservatório Nacio-
nal, srs. Eduardo Pavia de Magalhães, Wenceslau Pinto e Herminio Nascimento, o júri que classificou os trabalhos apresentados ao concurso aberto pela Casa do Algarve para a música de um Hino de Sagres, cuja letra foi oferecida à Direcção da referida colectividade por autor que deseja conservar anonimato.

O prémio «Libânia Correia», de mil escudos, foi atribuído à produção assinada com a legenda «Alcyone», que depois se verificou pertencer à conhecida compositora D. Elvira de Freitas.

A entrega do prémio será feita em sessão cultural e artística em que será executado o Hino.

Correio de Giro aos Pratos em Loulé

Com o benemerente objectivo de angariar fundos para a Associação de Assistência à Mendicidade de Loulé, decidiram vários atiradores locais promover, no Parque Municipal da nossa vila, um Torneio de Tiro aos Pratos, a realizar no mês de Junho, em dia que oportunamente indicaremos.

O sr. Presidente da República

visitou o ALGARVE

DE visita a importantes obras em curso no Alentejo e Algarve, S. Ex.º o Sr. Presidente da República esteve na nossa província no dia 10 do corrente acompanhado do Sr. Ministro das Obras Públicas e outras altas individualidades.

O Sr. General Craveiro Lopes esteve na Barragem de Silves, cujos pormenores de construção e funcionamento lhe mereceram muito interesse.

filarmonicas locais

DEPOIS de um perido de franca decadência, os dois conjuntos musicais de Loulé, apresentaram-se, nos concertos de domingo e segunda-feira passados, em razoável forma.

No domingo a União Marcial Pacheco executou sob a hábil e comunicativa regência do nosso conterrâneo sr. Mariano Guerreiro Domingues, 1.º Sargento músico da Banda de Infantaria 16, um primoroso programa em que se contavam números da autoria do regente.

Em certos momentos, elevou-se a um nível de verdadeira magnificência, merecendo os justos aplausos que lhe foram tributados.

Na segunda feira, a sua

(Continuação na 3.ª página)

Além de outras localidades Sua Excelência visitou, também, nas proximidades de Lagos, os trabalhos em curso para a construção da barragem e central da Bravura e as obras de aproveitamento dos sapais de Alvor.

Inauguração do monumento ao Poeta Bernardo de Passos em S. Brás de Alportel

Para constituir a Comissão de Honra que presidirá a esta cerimónia, foi deliberado pela Casa do Algarve, convidar os srs. Dr. Baptista Coelho, Governador Civil do Distrito; Dr. José Correia do Nascimento; Amálio de Faria; Dr. Emiliano da Costa e Dr. Mário Lyster Franco.

A Comissão Executiva do Monumento, constituída pelos srs. Dr. Guerreiro Murta, Major Mateus Moreno, Drs. Virgílio Passos e Sousa Carrusca, M. de Móra Faria e Joaquim António Nunes, agradece, por isso, o envio urgente de todos os donativos já subscritos ou angariados a favor da construção do mesmo de quaisquer novos contributos com que os amigos e admiradores do Poeta desejarem ainda figurar na lista que deverá ser entregue com o processo e actas da dita Comissão, ao Município de Alportel.

No plinto que sustenta o

(Continuação na 3.ª página)

Serviço de automotoras

ALGARVE - LISBOA

Desejamos manifestar o seu regozijo pela efectivação de tão importante melhoramento para a nossa Província, a Direcção da Casa do Algarve deliberou enviar uma representação dos seus corpos gerentes para aguardar no Barreiro, pelas 12 horas, a chegada da 1.ª automotora ida do Algarve, apresentando, seguidamente, com outras entidades, cumprimentos ao Conselho de Administração e à Direcção Geral da C. P.

Às 17 horas, a Direcção da Casa do Algarve oferecerá um vinho de honra, na sua sede, a representantes da C. P., do S. N. I., Imprensa e outros convidados.

A Direcção de Saúde impõe normas para o fabrico e venda de gelados

Preenchendo uma lacuna que há muito se fazia sentir, para defesa da saúde pública e em especial da juventude, foram impostas normas sanitárias que regularizam o fabrico e a distribuição de gelados.

E' de esperar portanto que fique assim inteiramente assegurado o asseio, higiene do fabrico e a boa qualidade das substâncias imprescindíveis a um produto que já se consome entre nós em tão vasta escala.

O bem estar público assim o exige.

A Lei reconheceu o... e os fabricantes de gelados [al-

guns...] terão agora forçosamente de aprender que os seus clientes, em troca do dinheiro bom que lhes dão, têm o direito de receber um produto igualmente bom...

Isto é: — «Um gelado», de futuro será uma coisa muito diferente das diferentes misturas impingidas a torto e a direito (especialmente às crianças) com o nome de sorvete.

... Teremos «gelados» tão bons que muitos jovens apreciadores que nós conhecemos terão de andar ainda mais vezes «gelados» por causa de tais gelados ..

ANO I
N.º 13
12 MAIO
1957



Crítica

... em «PRISMA» serão referenciadas todas as publicações que nos forem enviadas...

Notas à margem do tédio...

Toda a poesia me cheira a falso. Sei muito bem onde acabam as palavras e começam as ações. Já não acredito em ninguém. Em nada. Mas habituei-me à presença dela. E é o que me resta.

Triste não estou. Nem alegre. Nem excitada. Estou. Tenho a convicção que os cardos afinal sempre não florescem. Sobretudo os cardos de veredas pisadas pelo pé, pelos carros, pelas patas dos cães.

Os cardos são umas flores feias e ásperas. E não devem florescer. Hoje, nem tu, Fernando Namora, com todos os «Fogo na Noite Escura» me farias acreditar no contrário. Quando há um fogo na noite escura, um fogo que é símbolo de luz e beleza... há sempre, logo a seguir, um serviço de bombeiros bem montado que apaga o fogo e vem no outro dia, no jornal da terra, com coroa de herói e medalhas de lata na próxima reunião.

E estas verdades se eu as digo, sou pessimista.

Mas se não as penso e exponho face a mim própria, sou estúpida. E entre a estupidez e o pessimismo prefiro ir dormir e sonhar com fantasmas.

Bem sei que há homens com fome, crianças sem brinquedos e mulheres que se vendem por amor ou por meia dúzia de moedas, tanto faz. E há homens que as compram e depois do negócio ficam felizes e orgulhosos como se tivessem adquirido o mundo (e o mundo vale alguma coisa?) ou dado mais um passo aproveitável no caminho da Eternidade.

Bem sei que a existência é uma miséria e para lá das fronteiras distantes os soldados tombam, insistindo em chamar suas ás terras serenas, como se a terra fosse de alguém em especial e Jesus não tivesse morrido faz agora uma data de anos para defender em sangue e espinhos o seu apelo de fraternidade.

Bem sei que ficamos de braços cruzados quando vemos os outros aflitos e todo o inverno uma velha dormiu no corredor de uma casa abandonada apenas coberta com um bocado de saca. Bem sei que no jornal diário do sítio em questão se fez um apelo às autoridades respectivas para este espetáculo de fome e frio mas as autoridades são pessoas muito importantes e as pessoas importantes não leiam os diários da terra porque estes não valem nada e junto com os resultados da bala trazem os crimes dos desempregados e a miséria literária dos que, à falta de melhor, fazem versos, coitados!

Bem sei! Bem sei! Bem sei! E precisamente porque sei e todos nós sabemos que apenas continuarei falando de malmequeres, de ervas verdes, de rosas vermelhas, de asas de pássaros, de vento, de sol, de saudades, de ternura, e de outras coisas inuteis e supérfluas que — mal presente Deus ao criá-las! — só existem na terra para serem pisadas, derrubadas, destruidas.

Por isso aqui te digo, solidão: aqui te digo, que preferia ver encardados em vermes e estrumes todos os que esquecem do respeito que merece uma vida (e isto sei também que estou sendo egoísta!) do que ver murchar uma flor sobre os seus túmulos.

Sei, sei que há fome, lágrimas, desespero, solidão e orgulho — por isso amo tudo o que é perfume e cor e sons. Por isso prefiro a Primavera, a banda no jardim e o roxo das olaias que me ensinaste.

E que assim eu tenho a certeza de que nem a esperança

embora lenta

embora pouco estéril de promessas amanhece para lá do grande naufrágio de incoerências e misérias de toda a espécie em que naufragamos.

Eu sei! Eu sei!

Mas prefiro sempre ignorar.

Maria Rosa Colaço

Impossível petição

Pedir a uma criança que não brinque é o mesmo que dizer ao sol que pare, ou à água que não corra, à estrela que não brilhe, ou ao pássaro que não cante!

Dizer a uma criança que não brinque — é o mesmo que pedir à Vida que pereça!

A. Vicente Campinas

HARLEM

Ébano de espírito negro
envolto em bolhas de claridade!
A alvura da pele perde-se na palma da mão
e as civilizações vêm razas
desde a antiguidade

La calle 116

San Nicolás
Quinta e sétima avenida
são negras como «las riberas de Harlem»
são negras como o negro que vem do fundo da noite...

Saudades a borbulhar no peito!...

Canções negras
tão quentes e perfumadas
como quente é o ritmo negro
dos bailes populares de gitanos

Savoy
negro magnetismo
de almas desprendidas!
Porque ofereces a tua mão abandonada?
Será porque pairam sobre ti
os 3 KK do Alabama
ou porque do teu peito
sai desprendida uma vontade
loucura de abandonos
ritmos de crenças
jogadas nas danças invertebradas?

Bairro de alma negra inquieta!
A tua voz vem do fundo da noite
ressentida
e o negro salta
pula na dança quebrada
Harlem é o teu corpo
a alma negra é a tua vida.

COSTA MENDES



Um vago amor suspenso dos lábios abertos, enluarados, e uns olhos líquidos e cintos. Na tarde macia, dou-me todo inteiro, ao desejo. Nada vejo senão aquela carne, cor de ambar, na sinfonia verde do vestido. Na transparência do vento morno durmo o meu sono de adolescente. A tarde esvai-se, num instante, e eu fico ainda mais só no meu parapeito de neve.

Carlos Alberto Jordão

Impressões... ...de teatro

PRÉMIO NOBEL

Um Grupo de Amadores de Faro, apresentou-nos a peça «Prémio Nobel». Pega difícil, dentro e fora do palco, nomeadamente para a grande maioria do público, ainda deficientemente preparado para espetáculos desta ordem.

Pode afirmar-se que a representação de «Prémio Nobel» constituiu um êxito. Êxito relativo, não de exceção, portanto. Ou melhor, excepcional ou não, conforme o lugar onde colocarmos esta iniciativa. Sublinho: excepcional se apenas pretendermos o trabalho de amadores; num nível relativo, bem suficiente, se equiparmos esta representação à do Teatro D. Maria, por exemplo.

Não me referirei particularmente a ninguém. Não só porque há várias maneiras de andar bem, mas ainda porque o Teatro é uma Arte que se desdobra (numa criação de conjunto — várias criações individuais), e os comentários sobre o trabalho de cada um dos intérpretes de «Prémio Nobel», neste caso, pouco adiantariam.

A crescentear que «Prémio Nobel» afirmou-nos que é possível fazer-se Teatro (a sério) no Algarve. Que vale a pena, que se deve, continuar. Porque só bastante, muitíssimo, esquecer as possibilidades quando estas existem, francamente

...de música

CONCERTO PELO PIANISTA DANIEL ERICOURT

No Salão Nobre da Câmara Municipal de Faro o Círculo Cultural do Algarve apresentou-nos o pianista norte-americano Daniel Ericourt.

O público acorreu e aplaudiu em profusão. Prova do interesse crescente por estas coisas.

Excelente recital. Mesmo para os leigos em música. A arte dos sons é realmente magnífica — é mesmo a Arte mais pura, mais igual a si, mais Arte, portanto.

Daniel Ericourt executou trechos de vários compositores; encheu o salão de música, muita e bela música, imensamente bela, dominante.

Liszt, Schubert, Beethoven, Chopin, Mac Dowell, Debussy, Ravel — Ericourt, Prokofiev, Manuel Falla, foram arrancados nervosamente, perfeitamente, pelo grande virtuoso que é Daniel Ericourt. «Appassionata» de Beethoven, «Noturno» de Chopin, o trecho de Liszt, a música de Debussy (com o qual, Daniel Ericourt conviveu), e a «Dança do Fogo» de Manuel Falla, atingiram na nossa opinião, os momentos mais elevados deste excelente recital.

Magnífica experiência musical, quase fruto proibido... apetecendo mais frutos proibidos num futuro desejado próximo...

...de leitura

DIÁRIO INTIMO DE MANUEL LARANJEIRA

Incomparável documento humano, este Diário Intimo dum homem que viveu plenamente consciente da sua tragédia — da tragédia humana. Manuel Laranjeira não tenta, não querer explicar nada. A vida af está, infinitamente ordinária, a dizer-nos tudo, a desfilar-nos perante os olhos um mundo de maldade, um mundo necessariamente errado.

Impossível o refúgio, a fuga à realidade. Nem o amor, ou a ilusão do amor, — o amor é a ilusão mais mentirosa de quantas existem na fantasia dos homens — lhe facultou a paz desejada, essa paz desejada há milénios, e há milénios desencontrada do quotidiano dos homens.

Manuel Laranjeira é o homem — totalmente — só, o homem que sofre da horrível desgraça de quem olha para a vida e sente que já não pode ser enganado, esse homem eternamente triste, consciente, que vem construindo o mundo com o seu drama imenso. O homem que duvida... Há quem nasça para ter fé, só fé, e há quem nasça para duvidar... Eu, por exemplo...

Artista-Filósofo, mais filósofo do que artista, porém. Insatisfeita. Tremendamente só... de que substância misteriosa será feita a — felicidade? A felicidade, a felicidade existe apenas para os que creem-na, para os que a descobrem onde apenas existem alhos ou bugalhos...

Laranjeira não crê nos amigos. Pessimismo? Inconformismo? Apenas a realidade — a realidade de Manuel Laranjeira.

...se eu tivesse uma voz forte que se ouvisse longe como a de Jesus eu iria hoje pelo mundo missionando:

— Homens, desprezai-vos uns aos outros.

Laranjeira é o filósofo — homem, desorientado, impotente, onde apenas o tédio e a desilusão reina. Sempre buscando ilusões — que fogem sempre — que não o invadem como desejava...

O DRAMA DE UM MILHÃO DE HOMENS, AFINAL...

CASIMIRO DE BRITO

Publicações recebidas

AS ESMOLAS DO MENDIGO — versos — Eduardo Olímpio (noso colaborador).

EMILIANO DA COSTA — História do reconhecimento do seu valor Poeta — por Dr. Eliviro Rocha Gomes.

CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES — coligidos por Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira.

PRESENÇA — revista de cultura.

GAZETA LITERARIA — Órgão da Associação dos Jornalistas e Homens de letras do Porto.

TEATRO BRASILEIRO em Portugal

Por Angélico Guerreiro Salgadinho

O Porto viu agora teatro brasileiro: no Sá da Bandeira, a peça de Abílio Pereira de Almeida Moral em Concordata e, no Teatro Experimental do Porto, a comédia «Um deus dormiu lá em casa», de Guilherme de Figueiredo; e concertiza não voltaram, tão cedo, a ter, ao mesmo tempo, um original brasileiro interpretado por um agrupamento português e outro por um agrupamento brasileiro. Oportunidade talvez única, portanto, para se estabelecer um paralelo de certo interesse.

Dois êxitos. Moral em Concordata já em Lisboa, ao que li, conquistava as simpatias do público. Sendo duas peças tão diferentes, em qualidade, poderei perguntar porquê? Moral em Concordata, do ponto de vista teatral, quero dizer: como obra de arte, que é o que interessa essencialmente, é uma peça assucatada. Tal e qual: assucatada. Mas foi um êxito. Pois foi. Mas há razões, há razões.

A primeira é o gosto a brasileiro, que envolve, cativa, ilude quem lá vai; a segunda é a excelente realização cénica, com primorosa interpretação de todos os actores; e haverá outras de que nem o público, nem a crítica, nem às vezes ninguém se apercebe, ou mal se apercebe, mas que não deixam de ser poderosas embora obscuras.

A peça conta a história dum aventureiro que vive a explorar com o belo corpo que tem a sede de amor comprado dos potentados da alta finança, ao mesmo tempo que ampara a família: uma irmã moira de trabalho no amanho da casa, dos filhos, do marido. Este caso, que poderia ser o de uma alma completa, rica, torturada, não é nada; é de uma chateza, de uma levadeira que entristecem. Aquela mulher não tem nenhum problema, nenhuma aflição, vive feliz; ganha dinheiro alugando o corpo ajudando a irmã com o à-vontade e a tranquilidade de quem vive o rendimento de papéis de crédito. Mas o cunhado, que é empregado do seu último amante, vê o ordenado melhorado, comece a perder as estribelhas e acaba por abandonar a mulher, levando-lhe os filhos. Chamam a irmã, que anda no laurelo, para acudir à desgraça, ela vem, leva a desgraçadinha consigo e entramos no acto final. Esse mostra-nos uma sala da casa da beldade, posta e mantida pelo amante, onde este e os amigos vão fazer umas farras onde as duas manas vivem agora, satisfeitas da vida, com uma criada para limpá-la e ranho aos meninos, já recuperados, para a mamã não ter que sujar os dedos. Nisto, a dita mamã entra na dita sala, acompanhada dum respeitável comendador, pulha tão refinado como os que já lá estão. A mana escandaliza-se, acha que a outra deve manter-se honesta, insulta o comendador e este acaba por sair convidando a feia que se fizera bonita a ir viver amantizada com ele. Ela aceita e abala. Mas, passados dois minutos, a moça reentra, arrependida, por ter reconhecido que não nascerá para vigarista, sim para costureira. A irmã vigarista reajubila e o amante reconhece que tem ali uma rica alma, além dum rico corpo, e resolve pedi-la em casamento. E a peça acaba.

Se não fosse, repito, a óptima interpretação, aliás facilitada pela pouca ou nenhuma complexidade das personagens, o gosto a brasileiro (o calão cerrado, o ambiente, o ritmo, as próprias personagens, — tudo cria como um estado de suspense no espectador) e ainda alguns truques de quem não se esquece de que à entrada há um cubículo onde se vendem os bilhetes (como as cenas em que Maria Della Costa exibe as excelências físicas, especialmente ao calgar, puxando e repuxando umas finas meias), se não fosse isto dízia, a peça seria um fracasso, embora tentássemos de reconhecer que o autor, revelando poder de observação, nos desenhou, em boas pinceladas, o meio pobre e o meio endinheirado e que, dizem, o original sofreu modificações para ser representado em Portugal. Mas sobre isto, só poderemos dizer que apreciamos o que vimos, não o que devíamos ter visto. Do que se não viu, que diga quem quiser o que quiser.

A outra peça brasileira — é outra coisa, a começar pelo título, felicíssimo. Tem só quatro personagens: Anfítrio, general do exército do rei Creonte; sua mulher, Alameña, bela como a dama de Guadalupe; Sófia, escrava e Tessala, escrava, ambos servidores do casal. Anfítrio tem que ir comandar as tropas numa batalha em defesa do trono de Creonte, mas é terrivelmente ciumento e custa-lhe os olhos da cara ter de deixar a mulher sózinha, de noite, sujeito às arremetidas amorosas de todo o janota (até do próprio Creonte, sabe-se lá) que fique na rectangulada enquanto ele e os desgraçados dos soldados têm que andar de «spada nas unhas a furar barrigas aos tebanoas dumas figa; quando não a tentarem pôr no sítio as próprias tripas. Ainda por cima, o cego Tirésias andava a apregoar que em sua casa haveria de dormir um homem enquanto ele estivesse na batalha. E coisa que o raio do cego dissesse — eram fávulas contadas. Antes de partir para a luta, consegue que Tessala lhe prometa que defenderá a patroa de todo e qualquer atrevido nem que seja com o próprio corpo. Mas isto não chega para o tranquilizar e, puxa que puxa ideias, acaba por combinar com Sófia abandonarem a batalha à socapa e virem os dois, ele disfarçado de Júpiter, Sófia de Mercúrio, defender ele a mulher e defender-se a si próprio de ser o que os maridos não querem ser, enquanto Sófia lá se arranjará com Tessala como puder.

E ai vêm os tebanoas, furiosos, em direção à casa do general apostrofando a conduta da adultera Alameña que não tivera pejo em enganar o generoso Anfítrio que, mais uma vez, arriscava a vida para defender a cidade de Tebas e o seu povo. E o pobre general vê-se perante este dilema: ou deixa condenar a mulher que, afinal, dormira com ele, seu legítimo marido, ou condena-se a si próprio como cobarde de relapso que abandonava no campo de batalha os seus soldados. Alameña, aflita, e para salvar o marido, comece a confessar a multidão ululante que de facto o enganava, mas Anfítrio tem uma idéia genial: faz calar a mulher, converte-se de repente à crença nos deuses e declara que na verdade sabe que alguém, que não ele, passou a noite em sua casa, mas que isso só o honra, a ele Anfítrio, e a todos os tebanoas, visto que esse alguém foi, nem mais nem menos, que o próprio Júpiter que assim quis acrescentar mais glória à glória da gloriosa Tebas.

A encenação e interpretação, como todas da companhia do Teatro Experimental do Porto, foram magníficas. Como magnífico foi, quem lá foi, que os deuses, se os homens os criaram, não foi em vão que os criaram.

A correspondência para esta página deve ser enviada a —

CASIMIRO DE BRITO

F A R O

Postais de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

rias e oficiais, deputações das colectividades recreativas, centenas de «aficionados» taurônicos com seus estandartes, uma imensa mole de gente, tudo do que mais representativo tem a Moita do Ribatejo, ali estava, em franco sorriso hospitalar, a receber, o dinâmico e brilhante jornalista que, no seu periódico, tem feito a política da Moita: «Bem Comum do povo Moitense».

Um grandioso programa constitui a festa de «FESTA».

Desde a receção na Câmara Municipal, com a celebração da Santa Missa e sermão, na Igreja Matriz até ao belo e emocionante Festival Taurino, e ao Imponente Espectáculo no novo Salão de Festas da Sociedade Caipricho Moitense que, em ante-estreia, se representou «Portugal Mais Alegre», Revista Fantasia, da autoria do nosso camarada Gentil Marques, foi, de facto, um delicioso dia de inteira e plena festa de «FESTA».

Pela muita consideração que a Imprensa Algarvia lhe merece, num gesto de cativante gentileza que muito nos sensibilizou, fez chegar até nós um convite para tão inovável festa de confraternização do jornalismo.

Aqui deixamos consignados os nossos vivos agradecimentos, desejando a tão querido camarada e amigo e a sua esposa D. Mafalda Marques, longa vida, para prosseguirem na senda a que se lançaram, a fim de fazerem do seu «FESTA», um Grande Jornal de Portugal.

Luis Sebastião Peres

Ecos do AMEIXIAL

Faleceu no dia 4 do corrente, na sua casa de residência, nesta localidade com 50 anos de idade, o sr. João Maria Pereira, casado, industrial de sapataria que era Presidente da Junta desta freguesia, cargo que viu desempenhando desde 1946.

O extinto gozava de gerais simpatias, sendo muito estimado por todos que com ele privavam.

Era natural da Luz de Tavira, filho do sr. João Pereira, e da sr. D. Adelina Rosa Correia, e era casado com a sr. D. Maria da Palma Teixeira, e da filha do sr. João Arnaldo da Palma Pereira, Guarda-floresta, da sr. D. Domicilia da Palma Pereira, da menina Maria Georgette da Palma Pereira, e do menino Fernando Manuel da Palma Pereira, estudante no seminário em Faro.

O seu funeral realizou-se, para o cemitério local, incorporando-se elevado número de pessoas, não só da sua localidade, como de todos os montes da freguesia, de Loulé, e da vizinha freguesia de Tálias, constituindo uma verdadeira e sentida manifestação de pezar.

A toda a família enlutada, apresentamos a expressão, mais sentida do nosso pezar.

Augusto A. Teixeira

VENDEM-SE 4 máquinas Singer

1 de tipo correiro.

3 de tipo sapateiro, sendo 1 de braço.

1 cilíndrica, e outra tipo alfaiate.

1 Balança A Pessoa.

Tratar com João Martins Rodrigues — Loulé.

tar. O dia que se seguiu ainda foi mais doloroso; porque cada tentativa para levar a cabo aquela obra para gigantes, trazia consigo a canseira de novos braços que estalavam debaixo daquele labor esfalfante, e ainda nenhuma faia lá estava em cima, nem nenhuma quarta árvore tinha saído da floresta.

O von Stoffeln regou e praguejou; quando mais ele ralhava e praguejava tanto maior se tornava o brilho da má estrela e tanto mais casmurus os animais.

Os outros cavaleiros riam e escarneiam, e achavam imensa graça ao estrobuchar dos miseráveis e á cólera do castelão. Tinham-se rido desdenhosamente da construção daquele castelo sobre um fraguado escaldado, e mais se riam agora por von Stoffeln jurar que no prazo de um mês haveria ali uma linda álea coberta de folhagem. Por ver aquele insucesso e que ele praguejava e bramava e quanto mais se enfurecia, mais os cavaleiros se riam, e o chorar era só para os que trabalhavam.

O desânimo apoderava-se daquela turba-multa afadigada, não tinham já carro que não tivesse querer peça partida ou junta de bois que não estivesse maguada, e em dois dias não tinham conseguido passar do mesmo sitio, e todas as forças estavam exauridas.

Fez-se noite, subiram nuvens negras no céu e relamejou pela primeira vez este ano. Aquela gente tinha-se posto a caminho e chegou, sem o saber, aquela dobra da estrada onde tinha chorado três dias antes. Já lá estava o lavrador de Kombach com dois criados e mais gente ao pé dele. Já era tempo de deixar em paz aquelas faias vindas de Sumiswald, de pensar à sua vontade, de dar descanso aos seus membros doridos e exaustos.

Silvando como vento canalizado, surgiu uma mulher com um cesto à cabeça. Era Cristina, a única mulher que não chorava, a companheira do lavrador de Kombach, com o qual se juntara, quando um dia foi adstrito ao campo pelo seu senhor. Era uma mulher de armas, daquelas que se não contentam apenas com as ocupações domésticas, nem sentem só bem no remanso do lar, cuidando dos filhos. Cristina queria saber o que se passava, e onde ela não dava o seu parecer, as coisas corriam mal, dizia ela.

Ela própria pôs os pés ao caminho e energicamente pousou sobre a cabeça o cesto pesado da comida; procurou por longo tempo o bando miserável e como tardou em os encontrar, as suas recriminações azedas não cessaram, quando veio a dar com eles; mas os seus nervos não lhe permitiam estar quieta e, ao mesmo tempo que barafustava, trabalhava. Pousou o cesto, destapou a panela com papas de aveia, apresentou pão e queijo, espetou em frente do homem e dos

AVISO

(Continuação da 4.ª página)

B] — Ao abrigo do n.º 4.º do art.º 5.º do decreto lei n.º 39.209, de 14 de Maio de 1953 as deslocações de ovinos ficam sujeitas a partir de 15 de Maio próximo ao seguinte regime de trânsito:

1.º — É proibido o trânsito dos ovinos que não tenham sido previamente vacinados este ano contra a «Língua Azul»:

a) — Exceptua-se desta determinação os borregos com idade não superior a 6 meses que tenham o destino directo dos matadouros, e provenham dos rebanhos vacinados em 1957;

2.º — Para efeitos de mudança de pastagens, acesso aos mercados e feiras e outras deslocações é obrigatório fazer acompanhar os ovinos do respectivo boletim de vacinação, o qual servirá de guia de trânsito;

3.º — Os borregos nas condições da alínea a) do n.º 1., provenientes de rebanhos vacinados e que se destinem directamente aos matadouros, deverão ser sempre acompanhados dum declaração do proprietário ou comprador, conforme os casos, preenchida em impressos (modelo 88/S) a fornecer gratuitamente pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, e que se encontra em poder de todas as Intendências de Pecuária, Veterinários Municipais e Gérmios da Lavoura;

4.º — O trânsito de ovinos adultos, vacinados, dos locais de compra, das feiras e mercados para outro destino, obriga ao preenchimento de declaração referida no n.º 3.º por parte do comprador.

Esta declaração será entregue, finda a deslocação:

a) — Aos directores dos matadouros quando os animais se destinem ao abate para consumo;

b) — Às Intendências de Pecuária ou Veterinários Municipais quando os animais se destinam a continuar a ser mantidos em exploração. Neste último caso as Intendências de Pecuária fornecerão aos interessados, documento feito por extracto dos boletins de vacinação para legalizar a nova situação do rebanho. Este documento é exigido para ulteriores deslocações dos animais, substituindo, para efeito de trânsito, o boletim de vacinação.

5.º — Os transgressores às normas referidas serão punidos pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários nos termos do decreto Lei n.º 39.209, sem prejuízo de outras penas previstas na Lei.

C) — A partir de 1 de Maio cessará o fornecimento gratuito da vacina contra a febre catarral dos ovinos (Língua Azul).

Filarmonicas locais

(Continuação da 1.ª página)

congénere «Artistas de Mínera» foi também apreciada no concerto sob a direcção do seu chefe, o também nosso contemporâneo Virgílio Joaquim S. Pires.

Concluimos uma vez mais ser notável a intuição musical dos louletanos, pois com meia dúzia de ensaios a sério e sob a direcção de conscientes regentes os dois agrupamentos, embora desfalcados de executantes, conseguiram proporcionar bons e agradáveis momentos de recreação musical.

E' indispensável que não esmoreçam de esforços e que possam corresponder à ajuda que o município lhes tem dispensado, preparando-se convenientemente para, no verão que se aproxima, podermos dar-nos alguns concertos no coreto da Avenida, à altura das tradições musicais da nossa terra.

VENDE-SE

Uma courela de terra de barrocal, com alfarrobeiras, no sitio de Morgado de Salir.

Uma courela de terra de semear com azinheiras, figueiras e amendoeiras, no sitio de Pé da Serra (Salir).

Tratar com Jaime de Sousa Calado — Loulé.

A «Voz de Loulé» — Loulé N.º 117 — 21-4-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juiz de Direito da comarca de Loulé, 2.ª secção, nos autos de ação sumaríssima em execução de sentença que A Sociedade de Mercearias do Sul, Ld.ª move contra José Inácio da Silva Bento, casado, comerciante, residente no sitio das Hortas, freguesia e comarca de Vila Real de Santo António, correu editos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, virem à dita execução de dizer os seus direitos.

Loulé, 1 de Maio de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente Júnior

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

criados uma colher nas papas, e mandou também comer aqueles que o não tinham. Depois perguntou pelo trabalho e o que se tinha feito naqueles dias. Mas fome e palavras tinham-se escocido dos homens e nenhum pegava na colher nem dava resposta. Só um criado leviano, para o qual era indiferente que chovesse ou fizesse sol, contanto que o ano passasse e a paga viesse e houvesse comida na mesa a cada refeição, é que pegou na colher e informou a altaiva mulher, que ainda não estava nenhuma faia plantada e tudo se passava, como se elas estivessem embrulhadas.

Cristina, em berros entrecortados de gestos irados, disse que tudo aquilo eram ladaínhas e que os do sexo forte não passavam de amas sêcas; não era com ladaínhas e com choros e tudo a agachar-se e a uivar, que se haviam de pôr as faias em «Barhegen».

Era preciso simplesmente tratar dos direitos em que foram lesados, desde que os cavaleiros tomaram conta do domínio, como reis absolutos. E por amor das mulheres e dos filhos, o assunto tinha de revolver-se de outra maneira. Mas neste ponto da sua arenga, sentiu de súbito sobre o ombro uma comprida mão negra e ao seu ouvido chegou o som duma voz de falsete que dizia:

«Sim, tu és a única que tem razão! E no meio deles aparecia agora, esgarçando no rosto negro uns lábios com um sorriso satânico, e fazendo baloiçar galaticamente sobre a cabeça a pena vermelhuseca, o caçador. Os cabelos dos homens erriçaram-se de terror, tudo foi disperso como da outra vez, e na vertente do monte só se via a poeira que eles deixaram, semelhante a um redemoinho que o vento levantasse.

Só Cristina não pôde fugir, e foi desta forma que ficou sabendo como se conseguia ver o diabo em carne e osso, tal qual como o pintam nos painéis. Ficou como que presa ao chão a ver a pena flame-

Assistência à Mendicidade

(Continuação da 1.ª página)

visto que terá desaparecido um dos seus principais obstáculos, que é a pedincha maçadora e quisilenta por toda a parte em que se apresente qualquer turista, qualquer visitante desejoso de apreciar os encantos das nossas paisagens, das nossas praias e do nosso clima.

Sem a extinção dessa manadaria, nada feito.

Em sequência do que sempre aqui se tem dito, consideramos sumamente censurável que algumas pessoas que, certamente, em público têm manifestado o seu agrado por ter conseguido acabar com a mendicidade pelas portas e ruas da vila, vão, não obstante, fomentar, lamentavelmente, essa mendicidade às portas das igrejas. Será mais bonita aí a mendicidade, será mais digno de contemplação o ajuntamento de mendigos andrajosos e sujos às portas dos vários templos da vila, visto que eles, para armarem à caridade, não primam por se apresentar limpos ou asseados?

Essas pessoas, muito seraficamente, dão a sua esmola insignificante e justificam-se dizendo que, com pouco de um lado, pouco de outro, os pobres arranjam o suficiente. O suficiente para quê, se a Associação procura socorrer los no necessário?

Nesse caso fomenta-se a mendicidade e destrói se o que vem a fazer há tanto tempo, com sacrifício e boa vontade de todos.

São geralmente as viúvas ainda desejosas de novamente contrarem os doces laços do matrimónio, ou as solteironas ainda pretendentes a darem o sagrado nó, que dão essas esmolas às portas dos templos, para que se torne público que são caridosas e boas e assim possam alcançar o almejado marido.

Só por isso, porque se fossem realmente caridosas e benfazentes, com sincero amor pelos pobresinhos, não os envergonhariam publicamente com as ridicularias que lhes dão, antes as lançariam nas caixas das várias invocações existentes no interior desses templos, que teriam assim, recatadamente, o devido destino, sem ofender a pobreza, como devidamente ensina a moral cristã, dando com uma das mãos sem que a outra o saiba.

Esperamos que tais pessoas reconsiderem e vejam quão censurável é a sua atitude para com os mesmos pobreiros que caridosamente devem ajudar.

E que a caridade nasce do coração e não se compadece com a vaidade espantosa de certas atitudes.

A Comissão

Maneira de Ver

(Continuação da 1.ª página)

piedade que não só não quer repartir por si o sacrifício dos Homens do Andor, mas ainda consente que sejam apenas eles, deshumanamente, a dispensar tão mortal esforço.

isto é diferente de amor ao próximo.

Nem jamais a piedade se pode coadunar com a função de pano de fundo para demonstrações de força que não seja a força do espírito.

A piedade tão somente ergue heróis morais.

Jesus, que podia levantar montanhas com o seu poder, nunca o fez para chamar alguém à fé. Ele, Senhor Deus dos Exércitos, veio e venceu-nos a todos com a Sua humildade, a Sua palavra nova mas simples e, por espada, o Seu exemplo que rasgou a noite dos tempos e tudo encheu de luz.

Pedro de Freitas tem razão, quanto a nós.

A sua sugestão dos turcos não permitirá mais aquele esforço deshumano, devastador, nem que à sombra da fé se divinize a força dos Homens do Andor, como sucede. Isso é pagão.

Deveriam, realmente, organizar-se turnos, muitos turnos, tantos quantos os corações que desejasse demonstrar a sua fé, levando, embora a curto trecho, o andor de Nossa Senhora da Piedade.

Poderá a procissão perder um elevado número de assistentes de doentes curiosidade, mas o acto pio ganhará muito em sinceridade e em fé.

Enfim, maneiras de ver.

Monumento

a Bernardo de Passos

(Continuação da 1.ª página)

busto será gravada a seguinte legenda:

Ao Poeta / Bernardo de Passos / Homenagem / dos / seus amigos / e / admiradores / 15

TERMINA

no dia 30 do corrente o prazo de inscrição para os produtores de figo que desejem receber gratuitamente tampas para camaras de expurgo, as quais serão distribuidas pelos Grémios da Lavoura do Algarve.

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Maio:
Em 10, o menino António Jorge Fernandes Libano da Trindade, residente em Lisboa.
Em 12, o menino Vicélio Maquel Oliveira e Sousa.
13, a menina Maria Suzete Guerreiro Marum.
Em 15, o sr. Sebastião Martins Seruca.
Em 16, o menino Joaquim Sant'Ana Fernandes.
Em 17, o menino Ricardino Cecília Lamas Gomes.
Em 18, o sr. Luís Filipe Pilar da Silva Ricardo.
Em 19, a menina Maria de Fátima Carrilho Cavaco Córiss Graça.
Em 20, a menina Maria Madalena Pinto Farrajota.
Em 21, as sr.ª D. Maria do Carmo Salgadinho, D. Maria Cândida Gonçalves Oliveira Jerónimo Guerreiro, o sr. Armando José Mendonça Filho e o menino Ricardo Luís Bliebernickt Rocheta, a menina Maria Madalena Lopes Próspero.

PARTIDAS E CHEGADAS

A prestar serviço interinamente, na Agência do Banco Nacional Ultramarino em Tavira, encontra-se naquela cidade o nosso prezado amigo e colaborador sr. Raul Rafael Pinto, dinâmico gerente da Agência de Loulé daquela importante estabelecimento da crédito.

Desempenhando idênticas funções na Agência do B. N. U. na nossa vila, está entre nós o sr. Miguel Fortuna, gerente da Agência do mesmo Banco em Tavira.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Antero do Nascimento de Sousa, esteve entre nós o sr. Adelino Viegas de Sousa, Sub-Chefe da P. V. T. e nosso prezado assinante em Lisboa.

Regressou de Lisboa, onde esteve em casa de sua família alguns meses, a sr.ª D. Alda da Ponte, nossa assinante e chefe dos C. T. T. assinante.

GENTE NOVA

No pretérito dia 6, na sua residência em Castro Verde, teve a sua «delivrance», dando à luz uma linda menina a quem foi dado o nome de Maria Teresa, a sr.ª D. Maria Amélia Cortes Nobre, esposa do abastado proprietário sr. Manuel Luís Martins Nobre, cunhado do sr. Dr. António Joaquim de Almeida, nosso prezado amigo e chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Loulé.

Também teve o seu bom sucesso, dando à luz, no passado dia 7, no Hospital de Faro, um robusto menino, a sr.ª D. Maria Adelaide Pontes Coelho, esposa do nosso prezado conterrâneo, residente naquela cidade, sr. Jaime Gualdino Coelho.

Aos felizes pais com os nossos parabéns, votos de longa vida para os recém-nascidos.

CASAMENTOS

Na capela do Barranco do Velho, realizou-se, no passado dia 27 de Abril, a cerimónia do casamento do sr. Manuel Lourenço Farias, filho do sr. Francisco Martins Farias e da sr.ª D. Maria Rita dos Santos, residentes em Querença, com a sr.ª D. Maria Pereira Felicidade, prendida filha do sr. Manuel Felicidade e da sr.ª D. Maria Pereira Felicidade residentes no Barranco do Velho.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. Manuel Pereira Viegas, industrial em Lisboa e o sr. José Joaquim Contrireira, industrial em Faro e pela noiva, a sr.ª D. Albertina Rosa Viegas, residente em Lisboa e a sr.ª D. Hermengarda Lopes, residente no Barranco do Velho.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo e lauto «copo de água» em casa dos pais da noiva aos numerosos convidados, entre os quais se contavam várias famílias de Loulé.

Ao novo casal endereçamos os nossos parabéns, com votos de uma vida conjugal cheia de felicidade.

Louletanos!

A Cantina Escolar de Loulé, que tão bem mereceram serviços tem prestando à população escolar da nossa terra, carece urgentemente do vosso auxílio! Ajudai a mante-la!

Turistas em Portugal

CERCA de 250 mil, eis o elevado número de estrangeiros que, segundo o Boletim mensal do Instituto Nacional de Estatística informa, visitaram Portugal de Janeiro a Setembro do ano findo.

Representantes das mais diversas nacionalidades se incluem nesse número, atestando o interesse universal pelo nosso País. Foram porém, os franceses que ocuparam o primeiro lugar, com 78 819 viajantes, seguidos por norteamericanos (40.086), espanhóis (27.865), ingleses (26.202) brasileiros (10.756), holandeses (3.663) e suíços (2.307), egípcios (156), chineses 56, gibraltinos 54, librianos 35, vienenses 13, etc.

Uma nota a considerar: a maioria dos nossos hóspedes, principalmente os naturais dos países nórdicos, escolheu o Inverno para os seus passeios, dada a amenidade do nosso clima.

O interesse manifestado pelos estrangeiros, escolhendo Portugal para estação de repouso, vem demonstrar como ganha volume, além fronteiras, a paz que se disfruta no nosso País.

Apelo aos Louletanos

(Continuação da 1.ª página)

As palavras do professor e apenas às suas palavras! Nada lhes embarga a aprendizagem, porque não sabem o que é a fome, exigente e arreliadora... Talvez que, sentindo-a alguma vez, compreendessem por que razão os condiscípulos, às vezes, não acertam os problemas e se atraçam nos ditados, e, outras fazem tudo bem. E lembrar-se-iam, até, de pedir, em casa, qualquer coisa para os companheiros da classe. Vossos filhos não compreendem, mas vós, decerto, já me percebeste.

Louletanos: a Cantina Escolar precisa de vós, das vossas dívidas. Podeis oferecer tudo o que quiserdes: dinheiro, gêneros alimentícios, lenha, etc. Estou convencida que não a tendes já auxiliado porque nada vos pediram. Enganaram-me? Espero que não me desiludam...

A Cantina precisa de sócios, muitos sócios e dívidas para poder manter-se. Tem apenas uns miseráveis escudos que não chegarão sequer para a compra dos gêneros de mercaria dum mês. E o resto? E os outros meses? Confiamos em vós. Não ides, por certo, deixar sem alimento algumas das crianças da querida e orgulhosa vila de Loulé.

O. M. C.



Viva com GAZCIDLA

onde quer que viva

O combustível ideal para o seu lar

Consulte o Agente em Loulé:

EDUARDO CORREIA

Telefone 82

TORNEIO POPULAR DE



FUTEBOL

EM prosseguimento do Torneio Popular de Futebol de Loulé, realizou-se no passado Domingo, dia 28, mais uma jornada no Estádio Campana.

O primeiro desafio—Barreiras Brancas-Campinense, foi ganho por este último por 5 a 0.

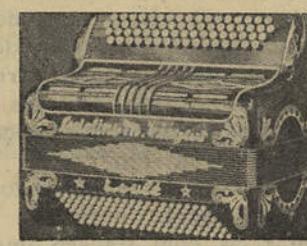
No segundo jogo, Almancil-Atlético, assistiu-se à derrota do grupo de Almancil por 3 a 0.

Em virtude da Festa da N. S. Piedade no dia 5 não se efectuaram jogos nessa data, ficando adiados para domingo, dia 12.

Neste dia realizar-se-ão 3 desafios, com a duração de 60 minutos cada: «Leões»-Atlético; Barreiras Brancas-Únidos, e Almancil-Ponto Azul.

Classificação actual

Clubes	J	V	E	D	P
Campinense	3	2	1	—	5
Atlético	2	2	—	—	4
Barreiras Br.	3	2	—	1	4
Ponto Azul	2	1	—	1	2
Únidos	2	—	1	1	1
Leões	2	—	—	2	0
Almancil	2	—	—	2	0



Em Loulé já se fabricam HARMONIOS

Embora pareça à primeira vista uma simples frase publicitária, não é assim e... podemos garantir aos nossos leitores que de facto há em Loulé um fabricante de harmónio cuja técnica e habilidade lhe permitem apresentar modelos de linhas modernas e sonoridade primorosa.

Chama-se Adelino Mendes Viegas este hábil artífice louletano. Das suas mãos pacientes (os leitores já verificaram a quantidade e complexidade de peças que entram na confecção de um harmónio...) já saíram quatro destes melodiosos instrumentos. O último lá está em exposição, na montra da sua oficina no Largo da Graça, atraindo a atenção pela beleza das suas linhas, a harmonia das cores, o acabamento impecável.

A Voz de Loulé

A propósito de arte...

(Continuação da 1.ª página)

uma febre a 360° graus centígrados de pintar, sem olhar a quem...

Todos os domingos, de manhã cedo, o nosso Picassinho, sobrando a tela, o cavalete, os pinéis e as tintas, sacrificando o sono, se punha a caminhar para Galamares, Sintra, ou redondes, para pintar, aproveitando o domingo que Deus lhe concedera... para descansar.

Era de facto um sacrifício subir tão frondosas encostas para pintar... Ainda se a menos ele se limitasse a olhar essa Sintra de Byron...

Certa manhã um saloio de Galamares, de sutiãs e barrete (como nós, os dos anátemas, perante a arte moderna), perguntou, ao pintor, se seria capaz de pintar o retrato de seu pai.

Claro que o rapaz dos pinéis não se fez rogado. Era uma oportunidade única de pintar fôsse o que fôsse...

O saloio, cônscio das responsabilidades em que o «Picasso» incorria, ainda lhe fez sentir medo de representava para a arte moderna;—Mas olhe que meu pai já morreu há 10 anos feitos—Não tem importância, objectou o pintor, você dá-me os apontamentos do velhote, e a coisa arranja-se.

Bem, disse o saloio, saudoso dum quadro, para a sala, com o velho pai, o meu velhote era um homem assim como eu; fazia a barba de oito em oito dias; fumava tabaco «Duque»; teve beixigas em pequenino, ficando assim a modo com umas malhas; andou à da mestra, mas não sabia ler, etc, etc.

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o saloio procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe ter nascido os dentes naquele local e abrir ao

— » —

Passados oito dias, no outro